

Fé, engenho e arte

Tom Zé abre o festival “Independência ou morte? - outros caminhos da música brasileira” e aproveita para animar um pouco mais a hora do almoço no CCBB

Por Marcos Lauro - marcoshlauro@uol.com.br

André Conti



“Aleijadinho e seu tempo – Fé, engenho e arte”. Esse é o nome da exposição que está no Centro Cultural Banco do Brasil até o dia 14 de outubro. O tema desse texto não é arte barroca, muito menos o artista mineiro. Mas vou pedir licença e pegar emprestado o subtítulo dessa exposição.

Para abrir o festival “Independência ou morte? – outros caminhos da música brasileira”, o teatro do CCBB recebeu hoje, na hora do almoço dos engravatados do centro velho de São Paulo, Tom Zé. Um artista que com muita fé no seu trabalho e muito engenho nas suas criações, consegue manter um público fiel à sua arte.

O festival pretende discutir a independência artística e musical no Brasil com shows, debates e bate-papos. “Na década de 60, a independência era mais pro

lado da morte”, disse Tom Zé, se referindo à época das veraneios com destino ao DOI-CODI. Para reforçar esse tom, veio em seguida “Senhor Cidadão”, de 1972, que pergunta “Com quantos quilos de medo se faz uma tradição?”. Toneladas e toneladas.

Com uma apresentação em formato reduzido (acompanhado apenas pelo violonista da sua banda, Sergio Caetano), Tom Zé refez o seu caminho de Irará (Bahia) para a nossa cidade grande. Começou com “Menina Jesus” e “A Carta”, duas músicas que falam diretamente para aqueles que, assim como ele, abandonaram a pobreza e o sofrimento da terra natal para conseguir a tão sonhada independência. “Foi aqui em São Paulo que conquistei minha independência musical”. Veio. Viu. E continua vencendo até hoje.

No show, já chegando a São Paulo, lembrou de Rita Lee e o clássico “2001”. “Pra gente 2001 estava tão distante. A gente se perguntava se ia chegar lá, pra ver a justiça funcionando...”. O interrompo virtualmente com meu pensamento e lhe digo: “Pra ver a justiça funcionando, faça a música 3001, Tom Zé. É o jeito...!”.

E ele não pára. E nem deve. Com os seus 70 anos, Tom Zé não passa de um moleque no palco. Pula, brinca com a platéia, fala palavrão, brinca de cowboy como pedestal do microfone... Esse é o Tom Zé, o eterno erê de Irará.

“Independência ou morte? – outros caminhos da música brasileira” vai até o dia 23 de outubro. Confira a programação completa em bb.com.br/cultura – CCBB São Paulo.

